

O Animal Humano e o Inumano em Meia Pata de Ricardo Dantas

The Human Animal and the Inhuman in Meia Pata by Ricardo Dantas

Beatriz Freire

UFRR

Adriana Albano

UFRR

Resumo: A presente pesquisa dedica-se a investigar a construção da subjetividade e da alteridade a partir dos personagens Daniel e Meia Pata na interação na mata selvagem de Caracará – estado de Roraima – presente no romance Meia Pata (2013) de Ricardo Dantas. Para isso, toca-se no que Jacques Derrida, pensador base para esta análise, manifesta como crítica à relação estabelecida entre animal humano e animal inumano: relação de exploração violenta e dominadora. O que ocorre porque a ideia de animal no Ocidente adota o conceito cartesiano de animal como máquina, sem sentimentos e sem linguagem, possibilitando seu aniquilamento ou utilização indiscriminada de seus corpos. Todavia, na obra analisada por esse artigo, o animal onça manifesta sentimentos e raciocínio estratégico, assim como o animal humano desenvolve instinto de sobrevivência na mata, além de familiaridade com a vida selvagem. Tais acontecimentos aproximam as subjetividades e as colocam numa condição relacional, apontando para o devir sem cálculo de suas identidades.

Palavras-chave: Meia Pata; Alteridade; Derrida.

Abstract: This research aims to investigate the construction of subjectivity and alterity through the interaction of the characters Daniel and Meia Pata in the wild forest of Caracará, in the state of Roraima, as presented in the novel Meia Pata (2013) by Ricardo Dantas. To do so, our research touches on what Jacques Derrida, a key thinker for this analysis, criticizes as the relationship established between human and inhuman animals: a relationship of violent and dominating exploitation. This occurs because the idea of animal in the West adopts the Cartesian concept of animal as a machine, without feelings or language, enabling its annihilation or indiscriminate use of their bodies. However, in the analyzed work, the jaguar exhibits feelings and strategic reasoning, just as the human animal develops survival instincts in the forest, as well as familiarity with wild life. These events bring the subjectivities closer and put them in a relational condition, pointing towards a becoming without calculation of their identities.

Keywords: Meia Pata; Otherness; Derrida.

Recebido em 31 de março de 2023.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

Introdução

Os animais inumanos estão presentes nos registros das atividades humanas desde os pictogramas nas paredes das cavernas, até o surgimento das mais variadas formas de escrita. Nesse registro de sua própria história como animal autobiográfico (DERRIDA, 2002), houve sempre a presença destacada dos animais inumanos. Uma presença

marcada por questionamentos que perpassam as diferenças que os afastam e as semelhanças que os aproximam, numa relação paradoxal de dominação e de encantamento (LOTH, 2014, p. 20-21).

Na literatura, há relativa complexidade na representação dos animais, pois tais manifestações implicam no jogo de identificação e de dessemelhança: no estabelecimento de determinadas fronteiras do que é humano e do que é animal e em como os dois passaram a se confundir ou até mesmo a se “fundir”. Lembrando ainda que os animais foram considerados ao longo da tradição filosófica de cunho humanista como opostos ao homem: irracionais, sem linguagem comum e sem sentimentos. Segundo Maria Esther Maciel (2011), dessa cisão entre humanos e animais, influenciada pelo pensamento cartesiano, decorreram relações controversas pautadas em hierarquias excludentes (racional/irracional, sensível/insensível). Isso ocorreu porque o pensamento associou o animal à máquina: sem linguagem, sem pensamento, sem capacidade de sentimento.

Todavia, os animais são, ao mesmo tempo, uma espécie de simbolização do próprio homem: são vistos como símbolo ancestral de força e transcendência, como ser mítico e como metáfora, como poderá ser percebido ao longo desta pesquisa após análise do fenômeno antropomórfico (MACIEL, 2011). Destarte, nesse conjunto de relações controversas, a animalidade torna-se componente importante na constituição da identidade humana.

A partir dos Estudos Animais, uma nova leitura, uma nova abordagem da figura desse reino inumano, antes visto apenas enquanto metáfora na literatura, desponta enquanto alteridade. Tal olhar estratégico foi impulsionado pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida, teórico cujo trabalho orienta esse estudo, e tem florescido nas reflexões acadêmicas dos atuais Estudos Ecocríticos. Pode-se dizer que o novo olhar desconstrói as operações discursivas em torno dos animais e faz pensar em quem é ele, evitando sua objetificação: faz pensá-lo como alteridade.

Importa salientar que já no século XIX, antes de eclodir o interesse em torno dos animais e de seus direitos, Machado de Assis chamava atenção para estas questões, sendo, possivelmente, um dos primeiros escritores brasileiros a mostrar preocupação com a relação homem-animal. Em suas narrativas, Machado de Assis aponta a crueldade exercida sobre os animais nas crônicas “Carnívoros e vegetarianos”, “Touradas”, “Direito dos Burros”, “Reflexões de um burro” e na crônica publicada em 1877 na revista

Ilustração Brasileira, em que o autor afirma concordar e apoiar todas as sociedades protetoras dos animais (ASSIS, 1994)

Diante desse panorama, a atual pesquisa visa analisar a construção da subjetividade literária presente no texto de *Meia Pata* (2013), ao caracterizar o animal-personagem quando na presença do humano invasor de seu território. No ambiente que Dantas (2013) nos apresenta, a relação entre animal humano e animal inumano oscila entre respeito e fúria, entre predador e presa. Todos os confrontos descritos na narrativa são gerados pela presença de humanos no território do animal inumano.

O cerne desses embates, frequentemente, envolve o biólogo Daniel, inexperiente visitante da floresta de Caracaraí, estado de Roraima. O jovem de família tradicional e religiosa, desenvolve reflexões sobre si e sobre o ambiente que apontam para a (des)construção da subjetividade que vai se reconstituindo a partir dos acontecimentos e dos diálogos, isto é, tendo o outro como condição indispensável para a (re)constituição de si num movimento de alteridade, pois Daniel ao observar e conhecer a onça Meia Pata, descobre a si próprio por meio das (des)semelhanças. Logo, o processo de descoberta, de constituição do sujeito, de acesso a si mesmo é marcado pela presença do outro inumano.

A obra chama a atenção, principalmente, pelo papel desempenhado pela onça ao ponto de suas ações serem tão importantes na narrativa que podem determinar o desfecho. Nesse caso, não é atribuído papel secundário ou inferior ao felino, como ocorre no pensamento cartesiano, que restringe os animais “ao bestial”, sempre como inferiores ao homem. No texto de Ricardo Dantas (2013), a personagem animal, Meia Pata, é fundamental para a narrativa, pois todas as ações do grupo de exploradores da floresta de Caracaraí são norteadas pelo ódio comum em relação ao felino, cujo nome intitula a obra analisada.

Nesse caminho de análise, tanto para a discussão das relações entre alteridade e subjetividade, como para as questões relativas aos direitos dos animais inumanos, utilizaremos, principalmente, o livro *O animal que logo sou* (2002), do filósofo Jacques Derrida, assim como outras obras do autor, como *Força da Lei: O fundamento místico da autoridade* (2003) e *De que amanhã* (2004). Para apoiar a discussão sobre a relação entre as subjetividades, faremos uso do conceito de *devenir*, desenvolvido por Deleuze e Guattari (1997), que será explicado posteriormente em momento oportuno.

1. Alteridades

A relação entre homem e animal, há muito tempo, pauta-se por uma questão hierárquica e de seleção natural prejudicial aos animais. Segundo Derrida (2002) – numa argumentação filosófica – desde o *Antigo Testamento*, esta relação configura-se na forma da justificativa da dominação de um sobre o outro: no Gênesis, Deus ordena que o homem nomeie e domine os animais, “Ele deve, para obedecer, marcá-los com sua ascendência, sua dominação, em verdade seu poder de domar” (DERRIDA, 2002, p. 35). Destarte, a percepção do Ocidente cristão e, conseqüentemente suas representações literárias, seguiram tais “verdades” a respeito dos animais ao longo dos tempos.

Derrida (2002), no desenvolvimento da leitura filosófica da Bíblia a respeito da origem dos animais, aponta que a conceituação para “animal” não permite exterioridade de um animal em relação a outro animal, o autor então cria um novo vocábulo – *animot* – que faz referência ao plural em francês: “*animaux*”, dando conta assim da pluralidade animal. O intuito desta nova palavra, “ao mesmo tempo próxima e radicalmente estrangeira” (DERRIDA, 2002, p. 77), é firmar que há uma “multiplicidade de viventes que não se deixa homogeneizar, salvo violência e ignorância interessada” (DERRIDA, 2002, p. 88). Segundo o crítico, há muitos seres de categorias diferentes que não se reúnem simplesmente em uma categoria oposta à categoria humana, compondo dois blocos homogêneos opostos: um grilo apresenta comportamento muito diferente daquele de uma onça pintada.

Assim, numa perspectiva anti-cartesiana, que considera a subjetividade humana uma exterioridade relacional e não uma forma imediata motivada pela interioridade, os conceitos de humano e de animal estão relacionados, e no romance de Dantas (2013) a referência da alteridade do conceito de homem constrói-se a partir do animal. Na configuração relacional, o “outro” coloca em dúvida o “eu” quando analisado “de perto”, quando seu ponto de vista também é considerado: Daniel, ao perseguir a onça Meia Pata pela floresta, começa a constituir-se a partir do olhar do felino que pesa sobre si.

Nesse contexto, Derrida (2002) aponta que se há um lugar para pensar o animal, esse lugar é a literatura, visto que “entrar” na subjetividade animal é, sobretudo, um movimento da imaginação. Logo, a literatura, a poesia, que é o lugar do não familiar, da representação, é o melhor espaço para tal, pois ela tem “o direito ilimitado de fazer todas as perguntas, de suspeitar de todos os dogmatismos, de analisar todas as pressuposições, quer as da ética, quer a das políticas de responsabilidade” (1995, p. 48). E, a partir daí, tanto na reflexão derridiana (DERRIDA, 2002), como na narrativa de Ricardo Dantas,

uma questão principal é abordada: quem “sou eu”, a partir do olhar do outro, sendo esse outro o “completamente outro”, seja ele animal ou vegetal, pois “nada deveria ser excluído” (1991, p. 269). Consequentemente, é a literatura, a máquina literária, que combate a subversão do animal, descrita por Derrida (2002) como máquina antropocêntrica.

Em *Meia Pata* (2013), o tecido literário propõe subjetividades indissociáveis: a onça tem voz na narrativa, reflete sobre a presença dos humanos em seu território e tais considerações constroem dilemas em relação ao homem e a outros animais. O felino questiona o comportamento de todos a sua volta. Esse movimento confere identidade e subjetividade a Meia Pata: ela não é somente “um animal inumano”, mas detém um olhar sobre o mundo, um ponto de vista pessoal. Já a influência da onça sobre Daniel é descrita, principalmente, após o ataque do felino, pois é quando vários aspectos da vida do biólogo se modificam: Daniel reflete sobre sua existência até aquele momento, percebe que esteve sempre realizando os desejos dos outros e não os seus, pensa que na verdade não se conhecia ou realmente sabia o que desejava para si. Tal perspectiva aponta para as articulações e desconstruções da identidade colocadas pelo pensamento derridiano, aquele que nos orienta, e propõe identidade e alteridade como espaços articulados e suplementares¹.

Ao longo da narrativa, é possível notar a mudança das subjetividades onça e de personagem humano a partir da interação entre eles. Nas passagens dos últimos capítulos, no encontro entre os dois mundos, do humano e do animal, percebemos que ambos se misturam. Mudanças físicas e psicológicas são descritas em relação a Daniel: dois reinos, do homem e do animal, entram em um plano de articulação e permanecem em constante processo de variação, o que se caracteriza como devir, um complexo determinado que afeta e é afetado. Importa o processo, a transformação em si, não o resultado (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Aqui tomamos de empréstimo o conceito de devir de Deleuze e Guattari (1997), que complementa o pensamento derridiano: para que haja devir é preciso o contato com o outro, pois no devir, o ser humano é ser-no-mundo e ser-com-o-outro.

¹ A lógica do suplemento derridiano está intimamente ligada ao conceito de devir, ambos “vêm depois” e dividem a origem compondo-a numa unidade sempre adiada, jamais situável. A suplementaridade desconstrói a noção de totalidade e estabelece a presença da diferença, dá uma ideia de “falta” na estrutura do original, “Tudo começa pela reprodução. Sempre já, isto é, depósitos de um sentido que nunca esteve presente, cujo presente significado é sempre reconstituído mais tarde, nachträglich, posteriormente, suplementarmente: nachträglich também significa suplementar. O apelo do suplemento é aqui originário e escava aquilo que se reconstitui mais tarde como presente.” (DERRIDA, 2010, p. 200).

Os autores apontam para uma questão não puramente de imitação, já que há um entrelaçamento entre as duas concepções: há o encontro de dois reinos, em uma contaminação mútua. Destarte, devir implica um encontro, pois só nos tornamos outro numa relação com o outro. Na narrativa de Dantas (2013), é possível perceber mudanças nos personagens a partir do estreitamento da relação entre eles, uma vez que devir vai significar que já não mantemos as mesmas relações com os elementos habituais de nossa existência, já que elas se transformam e nos transformam. Assim, para Derrida, e de acordo com a concepção de nossa análise:

A questão do animal não é uma questão entre outras. Se a considero decisiva desde há muito tempo, em si e por seu valor estratégico, é porque, difícil e enigmática em si mesma, representam também o limite sobre o qual suscitam-se e determinam-se todas as outras grandes questões e todos os conceitos destinados a delimitar o ‘próprio homem’, a essência e o porvir da humanidade, a ética, a política, o direito, os ‘direitos do homem’, o ‘crime’ contra a humanidade o ‘genocídio’, etc. (DERRIDA, 2004, p 73-74)

Deve-se compreender o que Jacques Derrida (2002) pensava sobre a questão do homem, do sujeito, da sua constituição para compreendermos essa questão animal ou, como o autor prefere, do *animot*. Uma das bases da alteridade entre animal e humano nos pensamentos do filósofo, está nos limites que o termo “animal” carrega. Pois, tal conceito “serve para qualquer coisa, no vasto campo do animal, no singular genérico, no estrito fechamento deste artigo definido (‘O Animal’ e não ‘animais’) seriam encerrados, como em uma floresta virgem, um parque zoológico, um território de caça ou de pesca [...]” (DERRIDA, 2002, p. 64). A generalização que torna os animais um grupo homogêneo – e retira o homem desse grupo – solapa as diferenças entre eles e coloca-os no lugar de objetos de direito, nunca como sujeitos de direito (MIRANDA, 1983).

A seguir, faremos um rápido resumo do livro *Meia Pata* (2013) para compreensão da trajetória de Daniel em articulação aos acontecimentos que promovem a mudança de perspectiva após seu envolvimento com a onça.

2. Meia Pata – o tecido textual

Em *Meia Pata* (2013), o narrador onisciente conta a história de Daniel, jovem de vinte e dois anos proveniente do Rio Grande do Norte, recém-formado em biologia, que vai para Roraima na década de oitenta desenvolver uma pesquisa para obter seu título de mestre em Recursos Naturais e trabalhar. Dividida em 20 capítulos, a história começa

com a descrição da chegada de Daniel ao seu local de trabalho, em Caracaraí, um município do estado brasileiro de Roraima.

São narrados então, os principais acontecimentos: a paixão pelo bioma Amazônia; a sobrevivência na mata fechada; o ato de comandar uma difícil equipe de trabalhadores para o manejo florestal – Ronaldo, Velho Xereta, Jesus, Raul, Sapo, Manel, Cuca e Ronaldo; a paixão pela indígena Iara Parente e a tarefa de lidar com a maior predadora da floresta amazônica, a onça-pintada. Todos esses elementos contribuem para a construção da identidade do personagem, principalmente a relação complexa com o felino, pois tal relação faz emergir um outro “eu”, uma subjetividade desconhecida e estranha ao personagem Daniel. Evento textual de autorreflexão do personagem que garante o “além do texto”, é um espaço para questionamentos do si em relação ao outro, logo, é também um espaço para a constituição da(s) identidade(s).

Em sua primeira noite na mata, Daniel é acordado de forma brusca por cachorros aterrorizados e se depara com uma onça, a qual, futuramente, ele nomearia Meia Pata. Interessa destacar que esta mesma noite é narrada duas vezes na obra. Uma a partir da perspectiva de Daniel e outra a partir da perspectiva de Meia Pata, no prefácio do livro. Na voz do felino, percebemos as características da antropomorfização, pois o olhar denuncia a construção de uma subjetividade, não meramente o instintivo: há a descrição do pensamento estratégico, característico do pensamento racional, assim como reflexões e juízo de valor. A onça analisa e faz constatações, chega a conclusões, como um sujeito que interpreta sentidos, “interpreta o mundo em que vive, interpreta o que os outros fazem” (MACIEL, 2016, p.134) logo, é dotada de saberes sobre o mundo. Aprofundaremos estes pontos no decorrer do artigo ao conceituarmos o antropomorfismo e as noções de subjetividade.

No terceiro capítulo da obra, “De Boa Vista a Caracaraí”, a composição narrativa vai protagonizando o meio ambiente e provoca certa fascinação no biólogo, “De fato, a cidade estava às margens do Rio Branco, o que a tornava um tanto quanto romântica, pelo menos aos olhos do biólogo. Afloramentos rochosos, como pedrais, serrotes davam um retoque especial à paisagem”. (DANTAS 2013, p. 37-38)

Todavia, é nessa passagem que Daniel se distrai e distancia-se do restante da equipe. Logo, sente “um peso imenso em suas costas e a carne do rosto rasgar” (DANTAS, 2013, p. 109). É o momento em que a onça Meia Pata o ataca. Ele apenas contempla o felino, um pouco em estado de choque. Após esse ataque, Daniel precisa ser

hospitalizado. Ele se recupera e começa a pesquisar obsessivamente sobre o comportamento do animal.

Outros acidentes são causados por Meia Pata ao longo do livro: além de atacar Daniel, ela matara um cachorro no início do romance e após o ataque ao biólogo, acaba por causar a morte do cozinheiro Cuca, ao afugentá-lo. Em consequência, os familiares do homem e os moradores de Caracaráí se revoltam e discutem sobre matar a onça. Porém, na caçada ao felino, outro encarregado do serviço na floresta, Raul, que “tinha disposição para trabalhar e que era positivo no que falava” (DANTAS, 2013, p. 67), acaba morrendo por um ataque de defesa da onça.

Antes dessa última morte, Daniel mostrava-se a favor da onça e tentava protegê-la, argumentando que o homem era o invasor do território pertencente ao animal. Todavia, após a morte de Raul, Daniel decide caçá-la e matá-la. Inicia-se, então, a jornada do biólogo mata adentro atrás de Meia Pata na intenção de vingar-se da morte dos membros de sua equipe.

No capítulo “Rastreado Rastreado”, é narrada a perseguição realizada pelo jovem pesquisador. Após dias de rastreio, dormindo nos acampamentos já abertos, ele se depara com o felino. A descrição do confronto expressa a posse do território por ambos, numa relação de nivelamento entre os dois animais. Já não há homem e animal, mas um devir homem/animal de subjetividade reformulada:

Daniel iniciou uma caminhada em direção ao felino. A espingarda pendurada em suas costas, presa na bandoleira. Meia Pata pressentiu que o biólogo a afrontava. E avançou! Daniel iniciou seu plano. Correu o máximo que pôde. Porém, calculou errado. Antes de chegar à margem do pedral, a onça estava a setenta passos dele. Subiu a inclinação do pedral usando todas as suas forças. Meia Pata aproximava-se a vinte passos! O biólogo podia ver o cipó. Não olhava para trás, apenas ouvia o trote de Meia Pata, que se encontrava a cerca de dez passos. O humano deu seus últimos passos e saltou em direção ao cipó. Meia Pata também saltou. Daniel agarrou-se ao cipó e sentiu a onça roçando em suas pernas. (DANTAS, 2013, p. 260).

No embate, Daniel se machuca e desmaia dentro do oco de uma árvore, ficando protegido. Após acordar, busca por comida e a narrativa então se volta para a descrição física e psíquica do biólogo, apresentando-o como louco e irreconhecível devido à barba, sujeira e machucados. Nesta passagem, há estreita aproximação entre os mundos humano e felino, pois Daniel, devido à fome, também passa a se alimentar de larvas e carne crua.

Pôde ver com clareza o local que Meia Pata havia caçado e correu para contemplar de perto, onde havia uma paca com toda a região do pescoço, peito, paleta e costelas devoradas. Daniel debruçou-se sobre a carcaça e com dentadas inquietas arrancou pedaços do animal. Comeu veementemente. Saciou-se de uma fome que quase o consumiu e arrastou o resto da carcaça para sua toca. (DANTAS, 2013, p. 269)

Como definido pelo conceito de devir de Deleuze e Guattari (1997), em que esse vir-a-ser não é imitar, ou ajustar-se a um padrão e em que a pergunta “o que você está se tornando” (p. 64) não cabe porque o próprio sujeito mudar nesse movimento, Daniel já não possui os antigos parâmetros para avaliar como era e o que se tornara: ele simplesmente é.

Partindo da subjetividade articulada em devir, o pesquisador já não deseja a morte do felino, pois no encontro seguinte, quando percebe a aproximação de Meia Pata, atira duas vezes em sua direção com o intuito de controlar seus movimentos, sem a intenção de acertá-la – a morte dos membros da sua equipe, já não desperta o desejo de vingança: acredita que o animal não deve mais ser morto, mas sim protegido. Daniel então espanta-a, afasta-a, ordenando sua fuga. Meia Pata “retirou-se num trote tímido” (DANTAS, 2013, p. 262), logo após, ele adormece. Ao acordar algumas horas depois, analisa seus ferimentos e constata que, ironicamente, está machucado “na mesma pata que Meia Pata” (DANTAS, 2014 p. 263), como se os dois já apresentassem uma simbiose subjetiva e física, tornando-se cada vez mais parecidos.

Podemos compreender, nesse ponto da construção discursiva, que o narrador passa a descrever o pesquisador por meio de características de animais inumanos, acontecimento que transforma Daniel não mais em invasor; ele passa a coabitante do território de Meia Pata, tão pertencente ao ambiente quanto ela. Os dois estavam ali como personas iguais, habitantes de um espaço comum.

Dias depois dos episódios, os dois animais encontram-se novamente na mata. Desta vez, há maior tranquilidade e despeito entre eles. O que ocorre porque já se reconhecem e estão um em relação ao outro. No novo encontro, chegam até a “conversar”.

— Boa tarde, Meia Pata...
 Um urro.
 — Estou cansado...
 Observando.
 — Quero ir pra casa, sabe...
 Urro longo e baixo.
 — Não sei mais quem eu sou... - Daniel olhou para as mãos. Apalpou seu rosto tomado pela barba.
 Esturro alto.
 — Foda-se você, Meia Pata! Por que tudo isso? Vá embora e me deixe em paz..
 (DANTAS, 2013, p. 270-271)

Notamos a mudança da subjetividade humana por meio do “diálogo” com esse outro, o animal, esse outro que é ele mesmo, enquanto pensa e se sente o outro. Assim, o personagem reflete sobre tal momento de vida e sobre o lugar desse animal em sua construção subjetiva. O “si” possui características que se desdobram a partir do aspecto relacional, a mediação com o outro é ponto indispensável para o entendimento do si. O romance de Dantas (2013) se estabelece como espaço de articulação de identidades que dialogam e constituem-se em devir.

O romance termina com uma visão pessimista em relação à interação do homem com a natureza, pois a onça é morta por outro caçador. Esta passagem final nos lembra a visão que Derrida traz em *Força da Lei: O fundamento místico da autoridade* (2003), em que enxerga a violência da máquina colonial – voltada para a máxima exploração de animais humanos, inumanos, além de espécies vegetais – se perpetuando no avanço dos desmatamentos e na extinção das espécies vegetais e animais. Também no capítulo “Violências contra os animais”, presente em *De que amanhã* (2004) o autor defende que “é preciso aprimorar regras a fim de que não se possa fazer qualquer coisa com os vivos não humanos” (p. 93). Nesses livros, há a discussão da questão da ética e da justiça animal: é necessário reconsiderar o pensamento sobre o que é justo/injusto, pois ele parte da visão antropocêntrica, conseqüentemente, ao colocar o humano como medida “pode-se fazer sofrer um animal, que não se dirá nunca, em sentido próprio, que ele é um sujeito lesado, a vítima de um crime, de um assassinio, de uma violação ou de um roubo, de um perjúrio.” (DERRIDA, 2003, p. 31). No livro de Dantas, não há questionamentos sobre outros animais daquela floresta que foram caçados e mortos, e nem sobre o avanço do desmatamento que a empresa Bronze Verde realizaria após o desfecho da narrativa, só a situação da onça é colocada.

A seguir, analisaremos a relação dos dois personagens principais, Daniel e Meia Pata, articulando-a à ideia de autores voltados para a temática animal humano e inumano.

3. Meia Pata – antropomorfizada

Segundo Benedito Nunes (2011), o homem se define pelo que nele não é bicho, isto é, pensar na conceituação de sujeito implica pensar nas características que os aproxima/distancia dos outros animais, e nesta passagem, as características que definem um ou outro, confundem-se,

Na literatura, a vida experimenta existências híbridas, muitas vezes imperceptíveis: um ser toma a forma de outro, sem parar esse trânsito de devires, pois a experiência do

outro prescinde do seu aspecto objetual. Metamorfoses literárias são, como na vida, desencadeadas por deslocamentos interiores, mínimos, informes, que produzem uma transformação imanente, incessante... Sorver o inumano, testemunhá-lo, lançá-lo para a vida requer um movimento para o fora e ao mesmo tempo um profundo mergulho na animalidade peçonhenta que habita o interior do próprio armário. Habitam o mundo seres com vontade de poder diferir não só do outro, mas de si mesmos. (LOTH, 2014, p.14)

Tal passagem nos orienta para a compreensão de que o personagem Daniel, na interação com a onça, encontrou o outro animal em si mesmo, isto é, percebeu sua identidade perpassada pela alteridade completamente outra. A identidade do biólogo foi suplementada pela do animal. Isso ocorre do ponto de vista humano, logo, há uma experimentação de como é ser o animal, o devir animal.

Essa relação antropomórfica, segundo o arqueólogo Steven Mithen (1996), surgiu em uma época de transição do período paleolítico médio para o superior em que houve grandes avanços culturais e a necessidade de compreender os processos mentais de outros seres. Por causa da necessidade do sucesso na caça, aplicavam capacidades sociais humanas nos animais com o intuito de prever e entender seus modos comportamentais. Logo, uma subjetividade era dada ao animal como base em um modelo humano para preverem seus possíveis movimentos.

A partir de então,

pode-se dizer que esse esforço de entrar no espaço mais intrínseco da subjetividade animal nunca deixou de desafiar os poetas de todos os tempos e tradições. Seja através da sondagem (por vezes erudita) dos traços constitutivos dos bichos de várias espécies, realidades e irrealidades (como nos bestiários tradicionais), seja através da encenação de um vínculo afetivo com eles, ou da tentativa de antropomorfizá-los e convertê-los em metáforas do humano, muitos foram e são os poetas voltados para o exercício do que se nomeia hoje de zoopoética. Ao que se somam ainda aqueles autores que, avessos à ideia de circunscrever os bichos aos limites da mera representação, buscaram flagrá-los também fora desses contornos, optando por uma espécie de compromisso ou de aliança com eles. Neste caso, cada animal – tomado em sua insubstituível singularidade – passa a ser visto como um sujeito dotado de inteligência, sensibilidade, competências e saberes diferenciados sobre o mundo. (MACIEL, 2008, p. 220)

Desde as mitologias e religiões antigas, já se notavam características do fenômeno antropomórfico, assim como para algumas culturas Ameríndias, em que humano e animais viviam em indiferenciação. O desaparecimento da prática antropomórfica nessas culturas se deu, de acordo com Raquel Loth (2014), devido à ideia de que passou a simbolizar um “modo de vida menos elevado, mais instintivo, rústico e violento, serve de arquétipo contra o qual a civilização moderna se constitui.” (LOTH, 2014, p. 21). Consequentemente:

O animal assume um lugar definitório ao lado das forças inferiores. Sob o domínio da teoria mecanicista que prevaleceu nos séculos XVII e XVIII, a imagem do animal, como um corpo sem alma, uma máquina a serviço do homem, adentra o fosso sem fundo do outro mais outro, o mais estranho, oposto objetual e exterior ao ser humano. (LOTH, 2014, p.21)

O termo antropomorfismo só começou a ser utilizado na segunda metade do século XIX e, ao buscar sua origem, percebe-se que as raízes estão vinculadas à noção denominada consciência reflexiva que se caracteriza como um ato de introspecção, de voltar-se a si e meditar sobre o eu, o mundo e o desenvolvimento de suas relações. Está intensamente ligado à filosofia, e às noções de devir que rejeitam o cogito cartesiano e sua imediaticidade. Na subjetividade deve-se levar em conta que o sujeito se constitui a partir da presença e da relação com outro.

Pode-se averiguar que uma das principais particularidades humanas imputadas à onça é a de pensar estrategicamente, analisando situações em que se encontrava, ou seja, raciocinando para além do instinto.

A pintada despertou do seu transe ao sentir a apertada toca parcialmente inundada pela água na nascente. Imediatamente averiguou a pata flagelada. Lambeu lentamente o ferimento. Farejou o membro e reconheceu o mesmo odor existente em carcaças de animais mortos” (...) Desde o dia em que matou o cachorro na grande toca dos humanos, sentiu o odor exótico do indivíduo que andava de forma lenta e com movimentos pesados, de alguma forma seu instinto menosprezou aquele ser. (DANTAS, 2013, p. 24)

Realizou uma aproximação estratégica na toca dos humanos, junto ao grande campo de água. (DANTAS, 2013, p. 27).

E mais adiante, quando a onça passa a nomear os outros personagens a partir da observação das características deles:

Por muito tempo a onça observou os movimentos daquele humano até reconhecer nele ‘lento-pesado’. (..) E observava cautelosamente os movimentos de ‘velocidade-camuflagem’ e ‘robusto-urro’. Novamente constatou que os outros do bando não causavam perigo. Nem mesmo ‘ágil-cauteloso’. Talvez ‘pesado-veloz’ pudesse ser uma ameaça. (DANTAS, 2013, p. 30)

O comportamento da onça intriga Daniel. No capítulo em que é confrontado por Meia Pata, o biólogo passa a ter forte interesse por ela, pois para ele o comportamento da onça não corresponde aos padrões estabelecidos como normais para os felinos.

As passagens da obra destacadas acima descrevem o comportamento de Daniel e de Meia Pata na floresta em momentos distintos, e põem em questão as definições de humano e de animal, pois ambos apresentam atitudes diferentes daquelas consideradas habituais as suas espécies. Meia Pata, frequentemente, questiona e analisa o

comportamento daqueles que nomeou. Daniel, quando está na mata à procura do felino, alimenta-se de animal morto, lambe sua ferida e conversa com a onça.

Notamos, dessa forma, a redução da distância que separa o animal humano e o animal inumano, as fronteiras de cada um se mostram mais maleáveis e os processos de transformação da narrativa vão além do fenômeno de antropomorfismo: há o devir, pois uma subjetividade afeta a outra.

Considerações Finais/ Conclusão

Este artigo objetivou discutir as relações de subjetividade que se constroem entre humanidade e animalidade a partir da leitura de devir animal e antropomorfismo dialogando com as noções de alteridade animal, postuladas pelos escritos de Jacques Derrida (2002) e de Deleuze e Gattari (1997) para realizar uma leitura do livro de Ricardo Dantas, *Meia Pata* (2013).

O autor, ao retratar a onça e dotá-la de sensibilidade e inteligência, traz reflexões que apontam para a necessidade de abordar a questão animal e ambiental e sensibiliza o leitor a perceber que os animais são seres sencientes, possuem os cinco sentidos, assim como os seres humanos e, portanto, têm sensações como os humanos, podem sofrer.

O debate sobre os direitos dos animais e a exploração da natureza é atual e ocorre em todo o planeta nas mais diversas áreas de estudo. Está, desse modo, proposto também pela literatura, que por sua vez possui, como uma de suas qualidades, a de não se autorreferenciar e, por isso pode se tornar mais poderosa do que outros discursos (DERRIDA, 2014, p. 62). No livro aqui estudado, há um viés voltado para questionamentos sobre as condições dos animais inumanos e a posição em que se encontram quando há interesses econômicos. Apesar da aproximação entre os dois “animais”, a onça acaba perdendo seu espaço e sua vida, pois a empresa de exploração continua a avançar. Dessa forma, a obra faz-se “eco do que não pode parar de falar” (BLANCHOT, 2011, p. 18).

Compreendemos que a narrativa de Ricardo Dantas (2013) não apenas antropomorfiza *Meia Pata*, mas narra um processo de devir: quando Daniel e *Meia Pata* estão juntos, as características dos personagens se confundem. Assim, o fenômeno antropomórfico, ou seja, a humanização do animal, não se dá no sentido tradicional. O autor reconhece o sujeito animal e descreve o processo de reconhecimento do

personagem humano a partir do outro, do outro inumano. Logo, o texto aponta para a reflexão de como dar um rosto ao animal (DERRIDA, 2002), ao dotá-lo de características humanas.

Destarte, cabe ponderar que a narrativa de Dantas (2013) é também sobre o animal, sobre a onça. A narrativa faz pensar sobre questões humanas e sociais. O texto não utiliza o animal como metáfora que o “apaga” como um movimento para apenas se pensar/entender o humano, vai além do pressuposto de que a presença do animal na literatura serve apenas para pensar a noção de subjetividade humana. Dantas (2013) nos faz pensar sobre o não humano, abordando a complexa questão da alteridade, o animal e a relação que os cercam.

O tecido textual carrega uma visão que desloca o homem do centro, dilui ou reconfigura as fronteiras e caracteriza humano e não-humano, repensando a questão do assujeitamento animal permeada por uma visão ecológica.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Crônicas*. Obra completa – vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, 323-775.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. DANTAS, Ricardo. *Meia Pata*. São Paulo: Editora Kuzuá, 2013. 212p.
- DANTAS, Ricardo. *Meia Pata*. São Paulo: Editora Kuzuá, 2013. 212p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria B. M. Nizza da Silva et al. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.
- DERRIDA, Jacques. Eating Well or the Calculation of the subject: an interview with Jacques Derrida. In: Eduardo Cadava (Ed.). *Who Comes after the subject?* Nova Iorque: Routledge, 1991. Pgs 96-119.
- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.

DERRIDA, Jacques. *Força da lei: o fundamento místico da autoridade*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2003.

DERRIDA, Jacques. *O Animal que Logo Sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Trad Loris Z. Machado. Campinas: Papirus, 1995.

LOTH, Raquel Wandelli. *Ver, pensar e escrever (como) um animal: devires do inumano na arte/ literatura*. Tese (doutorado) Universidade Federal De Santa Catarina, 2014. 439p.

MACIEL, Maria Esther. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther. *Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 85-101.

MACIEL, Maria Esther. Poesia e subjetividade animal. In: PEDROSA, Célia. ALVES, Ida. (Org.). *Subjetividades em devir – Estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 219-225.

MIRANDA, Pontes de. *Tratado de Direito Privado*. 4ª ed. São Paulo: RT, 1983.

MITHEN, Steven. *The prehistory of the mind: A search for the origins of art, religion and science*. London: Thames & Hudson, 1996.

NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura. In: MACIEL, Maria Esther (Org.). *Pensar/ escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011b. p. 13-22.